

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Raquel Medeiros Leivas

**REVELAÇÕES DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO: DOS TABLETES DE
ARGILA AOS *TABLETS***

Porto Alegre
2017

Raquel Medeiros Leivas

**REVELAÇÕES DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO: DOS TABLETES DE
ARGILA AOS *TABLETS***

Monografia desenvolvida como requisito para aprovação na atividade curricular de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Giovanaz

Porto Alegre
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof^a. Dr^a. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr^a. Karla Maria Müller

Vice Diretor: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Jennifer Alver Cuty

Chefe Substituto: Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Medeiros Leivas, Raquel
REVELAÇÕES DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO:DOS TABLETES
DE ARGILA AOS TABLETS / Raquel Medeiros Leivas. --
2017.
45 f.

Orientadora: Marlise Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Suportes . 2. Tabletes de argila. 3. Tabletes.
4. Revelação de informação. I. Giovanaz, Marlise,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067 Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Raquel Medeiros Leivas

**REVELAÇÕES DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO: DOS TABLETES DE
ARGILA AOS TABLETS**

Monografia desenvolvida como requisito para aprovação na atividade curricular de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em ____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Marlise Giovanaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Dalla Zen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Jeniffer Alves Cuty
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico às Saras, Sarinhas e Saritas que de modo transparente permanecem com força, vigor, poder e presença nos nossos estudos, por serem encantadoramente doces.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar nesse momento e lugar. Agradeço a minha família por ter acreditado que estudar poderia nos mover para outros momentos e outros lugares. Agradeço aos amigos que, nesse exercício, transformaram-se em familiares. Agradeço aos professores que nos ofereceram oportunidades de construirmos famílias melhores onde os amigos são colegas e irmãos que nos ensinam a transitar no curso que nos habilita a trabalhar. Obrigada a este curso que me ensinou que tudo tem seu devido espaço para permanecer, dependendo da face que olhamos e que podemos dar novos sentidos às faces quando orientados pelo amor. Tenho tanto a agradecer que nomear seria impossível. Muito obrigada à participação decisiva e definitiva que cada um imprimiu no processo desta formação.

“[...] com a chuva tornar-se-ão em lama, e
depois em pó quando o sol a secar.”

Saramago

RESUMO

Apresenta o estudo dos suportes que revelam a informação possibilitando a visualização e materialização de ideias. Traz os suportes tabletes de argila e *tablets* como elementos que sustentam certo diálogo mostrando suas semelhanças e diferenças, em uma abordagem subjetiva mostra importância que experiências anteriores perpassam se significados a pesquisa, que teve como problema a questão de como a informação pode ser revelada nos suportes tabletes de argila e *tablets*. Os objetivos sistematizados na análise do formato dos suportes buscam compreender as relações da informação e como é veiculada e influenciada a partir do entendimento dos suportes, através da análise que conceitua informação e suportes. Utiliza metodologia com foco em revisão bibliográfica. O referencial teórico aborda o surgimento da informação como anterior aos suportes, numa leitura de símbolos, sendo a linguagem e a escrita fios condutores deste processo. Expõe que o material e a natureza caracterizam os suportes mas não o definem. O trabalho destaca a origem da cerâmica, aborda seu contexto constitutivo. Evidencia a materialidade do barro relacionando a região onde nasce a escrita e abundância desse elemento, destaca a possibilidade de abstração no exercício da escrita elaborada com este material. Justifica a presença de objetos de argila no acervo das bibliotecas evidenciando, na antiguidade, suas composições por tabletes de barro. Enfatiza a história dos *tablets*, bem como a origem etimológica do vocábulo. Traça um paralelo existente entre os dois suportes. Conclui que os diferentes suportes inscrevem ou registram a subjetividade humana e são importantes meios para comunicação, possibilitando revelações de informações

Palavras-chave: Suportes. Tabletes de argila. Tablets. Revelação de informação.

ABSTRACT

It presents the study of supports that reveal the information allowing the visualization and materialization of ideas. The supports clay tablets and tablets come as elements that sustain a certain dialogue showing their similarities and differences. In a subjective approach it shows how important previous experiences fills the research with meanings, which had as problem how the information can be revealed in the supports. The systematized objectives in the analysis of this media format seeks to understand the information relations and how it is transmitted and influenced from the understanding of the supports, through the analysis that conceptualizes information and supports. It uses methodology with a focus on bibliographic review. The theoretical reference addresses the emergence of information as previous to the supports, in a reading of symbols, being the language and the written common themes of this process. It exposes that material and nature characterize the supports but do not define it. The work highlights the origin of ceramics, addresses its constitutive context. Evidences the materiality of clay, connecting the region where the writing arises and the abundance of this element. Highlights the possibility of abstraction in the exercise of writing elaborated with this material. It justifies the presence of clay objects in the collection of libraries, evidencing, in antiquity, their compositions of clay tablets. It emphasizes the history of tablets, as well as the etymological origin of the word. Draw an existing parallel between the two supports. It concludes that the different supports inscribe or register the human subjectivity and are important media, allowing revelations of information.

Key Words: Supports. Clay tablets. Tablets. Information revelation.

SUMÁRIO

1	REFLEXÕES INICIAIS	10
2	MODELAGEM TEÓRICA	16
2.1	VISUALIZAÇÃO DE IMAGENS SIMBÓLICAS	16
2.2	INFORMAÇÃO: MATERIALIZAÇÃO DE SÍMBOLOS	18
2.3	A LINGUAGEM E A ESCRITA	19
2.4	SURGIMENTO DE UM SUPORTE: NASCIMENTO DA CERÂMICA	20
3	SUPORTES: APARIÇÃO OU VISUALIZAÇÃO?	22
3.1	ESTUDOS DE SUPORTES	22
3.2	TABLETES DE ARGILA	24
3.3	<i>TABLETS</i>	32
3.4	TABLETES DE ARILA E <i>TABLETS</i>	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	42

1 REFLEXÕES INICIAIS

No contexto da área da Ciência da Informação, é necessário abordar o modo pelo qual as ideias são visualizadas ou materializadas. Estudar os suportes que permitem essa “aparição” e seus significados é muito importante. Levando em conta tais afirmações, nesse trabalho serão abordados os suportes tabletes de argila e *tablets*, com a intenção de encaminhar uma reflexão sobre suas diferenças e semelhanças, bem como a natureza constitutiva de cada um. Pois nas suas ligações ou relações pode-se vislumbrar concretamente parte do processo da comunicação humana. Nesse contexto, emergem questões a respeito da aparição ou visualização da informação nos referidos suportes. Para entender a complexidade desse processo que habilita trocas entre os seres humanos é necessário compreender o que seja a informação e as possibilidades desta vir a ser veiculada. O suporte é o elemento que proporciona a visualização ou materialização da informação, permitindo que a comunicação se efetive. O estudo do suporte expõe as possibilidades e limitações de cada período histórico, situando a informação em seu contexto cronológico e tecnológico, projetando-a no seu objetivo de divulgar as trocas e mesmo a comunicação humana.

Os tabletes de argila e os *tablets* possuem características e particularidades que possibilitam entendimentos especiais no processo de circulação da informação, como o modo pelo qual é percebida uma mensagem. Relacionar estes suportes, relativizando as suas características com os seus contextos, permite entender como eles foram ou estão sendo apropriados em cada momento e projetam em cada tempo a informação nele contida.

Quando este trabalho já estava em construção, foi encontrado um pequeno artigo, de autoria do escritor Massolar ([2014?]), supondo que os *tablets* modernos seriam utilizados com finalidades semelhantes aos modelos de leitura e informação desenvolvido pelos sumérios, ou seja os tabletes de argila. O autor conclui que o que temos hoje é o retorno a uma “tecnologia” de escrita e leitura de aproximadamente 6 mil anos de idade.” O artigo deu ainda mais energia à ideia inicial, por trazer mais uma possibilidade de diálogo dentro da temática abordada por este trabalho.

É importante apresentar a possibilidade que nos faz refletir sobre uma realidade que aconteceu há milênios, como o surgimento da escrita, e que podemos, sob determinados aspectos, apreciar na contemporaneidade quando preservamos a sua memória. Assim projetamos parte do que estamos vivenciando para um tempo que virá, num exercício de contemplação e imaginação. Novas formas de leitura e escrita podem emergir a qualquer momento. Refiro-me aqui a uma experiência que vivenciamos: foi proposta uma atividade com barro durante a aula da disciplina BIB03076 História dos Registros Humanos (aplicada - no primeiro semestre do Curso de Biblioteconomia da UFRGS), ministrada pela professora Marlise Giovanaz no primeiro semestre de 2015, na FABICO.

A turma, composta por universitários matriculados na disciplina, apesar das limitações de espaço físico e material respondeu muito positivamente ao “desafio”: com uma porção de argila, um bastão de madeira (usado como rolo para construir a placa) e um palito de madeira com ponta para proceder as inscrições. Foram produzidas excelentes peças, conforme Figura 1, que seguindo o processo da cerâmica, foram secas e posteriormente queimadas em fornos apropriados. A prática ou exercício de gravar impressões no barro permite que apareçam as características mais ancestrais da nossa escrita com relação ao suporte no presente, na atualidade.

Figura 1 Tabletes de argila produzidos durante a disciplina Registros Humanos 2015



Fonte: Autora.

Nossa relação contemporânea com os *tablets* é corriqueira e estes suportes dispensam experimentos. São dispositivos que foram incorporados como elementos

regulares da nossa vida diária e capazes de nos ligar ou conectar com outras possibilidades, fator essencial da comunicação. Eles permitem a conexão ou *links* entre vários assuntos, abordagem que caracteriza o tempo atual.

Propomos entender a forma que um ou outro suporte torna-se veículo da informação com sua existência material ou com suas possibilidades virtuais, transparecendo a proporção fundamental guardada em cada formato. Nesse contexto, o problema de pesquisa que se colocou neste trabalho foi: na relação que estão encadeadas as práticas humanas observamos que a informação é veiculada em diferentes suportes nas diversas circunstâncias experienciadas na nossa história. A partir disso apresentamos a questão: como a informação pode ser revelada nos suportes tabletes de argila e *tablets*?

Para concretizar este estudo, foram sistematizados alguns objetivos que se mostraram fundamentais no processo. Assim, a análise do formato dos suportes tabletes de argila e *tablets*, associada às suas relações com a informação, busca compreender como esta é veiculada e influenciada a partir do entendimento desses suportes.

A metodologia compreende a Arte de dirigir o espírito na investigação ou descoberta de algo. É a metodologia o conjunto filosófico e político de caminhos que definem o trabalho do investigador.

A seguir apresento o modo pelo qual esta pesquisa foi construída bem como adoção de suas escolhas e inclusões são explicitadas.

O desenvolvimento do estudo proposto nesta pesquisa será orientado pela metodologia que facilita a aproximação do pesquisador com o tema proposto. Dessa forma a natureza desta pesquisa terá como base a revisão bibliográfica. Para este momento propusemos a pesquisa bibliográfica pois esta procura identificar na literatura científica já produzida e reconhecida os conceitos e implicações propostos nos nossos objetivos, que é a análise do formato dos tabletes de argila e *tablets*, e como esses elementos se relacionam com a informação.

Apresentamos uma pesquisa de documentação indireta, pois esta se constitui em fontes de dados coletados por outros, sendo bibliográfica ou de fontes secundárias, pois encaminha nossa reflexão e a busca na bibliografia já publicada, colocando o material relevante ao assunto para análise da pesquisa. É importante citar que muitas vezes a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para toda pesquisa científica, podendo ser chamada de exploratória, devido a essa

característica. A pesquisa exploratória é realizada sobre um problema ou questão de pesquisa que geralmente são assuntos com pouco ou nenhum estudo anterior a seu respeito, fato que ocorre com esta apresentação. O objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões, ideias ou hipóteses. A ideia não é testar ou confirmar uma determinada hipótese, mas sim expor determinadas visões. Nossa abordagem foi feita como uma pesquisa qualitativa, onde a liberdade ancora em respostas e interpretações subjetivas e peculiares desse tipo de produção para compreender as proposições iniciais.

Segundo Lakatos e Marconi (2012), a pesquisa bibliográfica pode compreender a fases ou procedimentos sequencialmente organizados, a seguir, conforme orientação destas autoras apresentamos o modo como foi encaminhado este trabalho.

Primeiramente a escolha do tema “Tabletes de argila e *tablets*: Suportes de informação” é pertinente apresentar a experiência no atelier de cerâmica vivenciada e cultivada no período anterior à pesquisa, somados aos conteúdos apresentados no curso de Biblioteconomia, resultaram na tentativa de investigar as possíveis leituras existentes entre esses elementos. Devido a abordagem do tema ser de uma ordem subjetiva, a construção de seus referenciais permanece com essa orientação. Foram determinantes para seguir este trabalho as indicações de professores, que durante a graduação, com suas referências peculiares e objetivas possibilitaram o encontro desta forma de entendimento.

A seguir na elaboração do plano de trabalho buscou-se um referencial para sustentar a escolha do tema sendo a Linguagem e a Escrita elementos fundamentais amparados por autores convergentes desse tipo de encaminhamento teórico. Para subsidiar os conceitos de Informação e suportes, o estudo permanece caracterizado como exploratório e mantido nesse momento, pois identifica-se com os encaminhamentos que partem de uma hipótese e aprofunda-se com sua análise nos limites de uma realidade específica buscando-se antecedentes para maior conhecimento planejando uma pesquisa que cumpra fundamentalmente o lado humano e de caráter subjetivo do objeto analisado.

Dessa forma, Informação e Suportes permanecem sendo vistos através de um olhar subjetivo contemplado na metodologia qualitativa. Para concluir, a compreensão de *tablets* remeteu tanto ao aparelho físico como a conceitos e

traduções bem como significados atuais numa tentativa de construir ou reconstruir tais objetos a luz da contemporaneidade e da história.

No momento da localização e fichamento, os diversos tipos de materiais de pesquisa bibliográfica como livros, dicionários, textos em bibliotecas particulares e públicas, sites, bem como questionamentos à profissionais especializados, foram localizados e contatados ao longo do curso de graduação assim como o fichamento do material. A redação foi baseada na leitura, análise e interpretação do material selecionado procedendo-se em forma de diálogo com os diversos elementos somados à experiência no atelier de cerâmica possibilitando que as trocas possíveis desse encontro possam emergir no texto contribuindo dessa forma para que os objetivos sejam contemplados.

Assim, este trabalho busca conhecer os suportes de informação e está organizado em seções tendo em vista uma abordagem estruturada e didática dos conteúdos. Para tal, primeiramente apresenta-se o modelo teórico que irá referenciar o texto com o surgimento das imagens simbólicas anterior à realidade do suporte; o conceito de informação, nascimento da linguagem e escrita, breve história da cerâmica. Na sequência se estudam os suportes abordando suas naturezas e implicações, especificamente os tabletes de argila, com sua importância em bibliotecas e os suportes *tablets*. Por fim tecemos um paralelo entre os dois suportes, o tamanho físico e aparência de ambos e suas constituições materiais; a necessidade de decodificação, conhecimentos de códigos que remetam a suas leituras, constatando-se que há nesses suportes a possibilidade de convivência, com autonomia, imprimindo as características da atualidade e potencialidade de cada período.

2 MODELAGEM TEÓRICA

A construção deste referencial está amparada na ideia de que a informação possui orientação anterior à realidade concreta do suporte, e que seria modelada por estruturas simbólicas, pois para elaborar uma informação, é necessário que se conheça um modelo teórico ou simbólico que irá moldar ou orientar a concretude dessa informação, permitindo dessa forma a realização de uma informação conforme modelo existente em estruturas simbólicas orientadoras da forma da informação, previamente ao suporte.

2.1 VISUALIZAÇÃO DE IMAGENS SIMBÓLICAS

No sentido de conhecer ou materializar uma imagem abstrata, Barreto (1998), afirma existir uma transformação de elementos simbólicos em conscientes, exatamente como uma modelagem em que a presença de um símbolo evocado é convertida em presença visual. O fenômeno da escrita vem exemplificar este processo, pois conforme Higounet (2003, p.11), para haver escrita, “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado”. A escrita, dessa forma vem apresentar ou reproduzir um modelo estabelecido anteriormente à existência visual.

Em uma metáfora imagina-se um arranjo composto de duas flores, uma natural e a outra modelada em barro, de cerâmica. Nesse caso, é possível administrar a vontade para moldar uma flor de cerâmica, uma intenção consciente, visível. O barro usado para moldar a flor é um material orgânico, disponível num mundo, infinito, o material ou barro pode ser extraído de qualquer ponto da terra, pode ter poeira cósmica inclusive. Que segredos compõem esse material orgânico? Pode inclusive ser composto de flores naturais. As flores naturais não podem ser moldadas, mas são modelos, que crescem conforme um padrão que independe do domínio da vontade, guardando os segredos de um mundo que podemos ter ou ver em porções resumidas. Visualizamos a flor de cerâmica, feita dos vãos que acessamos do imenso mundo orgânico. A cerâmica é um material sólido, inorgânico, porque foi submetido a altíssimas temperaturas, mil graus centígrados, do contrário, ela continuaria com a característica de ser orgânica. A Figura 2 apresenta o arranjo com estas duas flores, que compõem um universo, tecendo amplas relações, uma é

a outra, a outra é uma imagem, existindo numa relação dinâmica que torna o arranjo simples e funcional, pois cumpre uma função, comunica a relação entre materiais, estruturas, naturezas diferentes e únicas ao mesmo tempo.

Figura 2 Arranjo com duas flores



Fonte: Autora.

Para Barreto (1998) é dessa forma que a informação possibilita o favorecimento da percepção desses elementos semânticos criando certa “sintonia” no mundo, pois referencia o sujeito a seus semelhantes, gerando conhecimento. O autor conclui que “Assim colocada, a informação se qualifica como um instrumento

modificador da consciência do homem e de seu grupo social” (BARRETO,1998, p. 69). Dessa forma, criam-se elementos que conectam os mundos existentes, e, sujeitos são dessa forma reconhecidos, sintonizando assim as percepções das quais o autor se refere.

As estruturas simbólicas que existem anteriormente ao pensamento consciente são orientações que encaminham e baseiam as percepções existentes. A relação entre elas e a informação é exatamente como num molde ou código que, segundo o autor, permitiriam ou alterariam a consciência modificando-a.

2.2 INFORMAÇÃO: MATERIALIZAÇÃO DE SÍMBOLOS

Para definirmos o significado de informação, conforme Beal (2011), é necessário contextualizá-la com outros dois termos: dados e conhecimento. É nessa relação deles que entendemos o conceito de informação. Para a autora “[...] transformam-se dados em informação agregando-se valor a eles; e informação em conhecimento acrescentando-se a eles vários outros elementos” (BEAL, 2011, p.10). Segundo essa definição, informação é tudo que significa notícia, conhecimento ou comunicação. Para Serres (1995, p.79), constatamos uma espécie de síntese de realizações, uma reflexão filosófica da problemática moderna da comunicação. Nos deparamos com reflexões que encaminham pensamentos com esta natureza:

[...] as mensagens trazidas por nossas vozes possuem, em sua base, um ruído de fundo, depois musicalidade, sons, depois fonemas, distintos conforme a língua falada e, enfim, sentido... para qual realização, no mais alto? O conjunto mensageiro de tais escadas sonoras desfaz, refaz, constrói sem cessar nosso mundo, modelado pelo verbo, escritos e palavras. Espectograma da voz humana.

A informação é um tipo de revelação disponibilizada em determinados níveis ou momentos. Trata-se de um processo complexo, pois necessita de elementos para ser efetivada ou concluída. Um desses elementos é o suporte, abordado posteriormente.

É possível constatar nesse momento as considerações anteriormente feitas, de que há uma modelagem ou código pré-estabelecidas que orientam o modo como as informações se organizam. Segundo Serres (1995) as mensagens chegam como

um ruído e se estruturam em musicalidade, após em fonemas e se distinguem em língua falada. Essa sequência prenuncia a ordem constituída nas estruturas simbólicas, que vem antes da consciência.

2.3 A LINGUAGEM E A ESCRITA

O nascimento da escrita marca a história humana. E todo movimento do homem no planeta antes desse desenvolvimento da escrita é popularmente chamado pré-história. O local no qual surge a escrita é a região da Mesopotâmia, que foi o berço para sua origem.

Conforme definição “Escrever do latim *scribere*, exprimir os sons da palavra ou do pensamento por meio de um sistema convencionado de sinais gráficos; por ou dizer por escrito; representar por meio de escrito” (SAMPAIO, 2009, p.19) Posteriormente o autor conclui que o uso da escrita favorece a padronização e a fixação das línguas.

Para Higounet (2003, p.10) a escrita “[...]é um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo.” Escrever é o registro e o sentido dos sinais usados na comunicação, assim é fixado por meio de grafismos um sistema de pensamentos de uma determinada cultura.

Zilberman (2016) retoma à Platão para designar a linguagem e a palavra. Sendo assim, os nomes, ou palavras, são mediadores que separam o sujeito e o objeto do conhecimento. A voz se torna a ferramenta para essa mediação quando ela soma ao significante um significado. A transitoriedade ou efemeridade da voz talvez tenha sido o motivo pelo qual os seres humanos terem buscado outros tipos de mediadores mais duradouros: a escrita.

A escrita “[...] permitiu aos povos da mesopotâmia tirar, por assim dizer, o seu pensamento da cabeça ou da boca e projetá-lo na matéria, fixá-lo, propagá-lo no espaço e no tempo” (BOTTÉRO, 1995, p.15), ou em outro suporte com concretude mais evidente. O nascimento da escrita promove uma nova abordagem ao que existe, pois

Da notação de palavras, o homem enfim passou à notação de sons. Seja de sinais ou de palavras, isso realmente supõe um considerável estoque de sinais e, conseqüentemente, se fizermos a notação apenas dos elementos

fonéticos que constituíram as palavras, obteremos um material gráfico infinitamente mais restrito (HIGOUNET, 2003 p.14).

Se fez necessária a elaboração de representações ou abstrações que remetessem da coisa ou som para o elemento ou sinal gráfico, ou seja a criação de uma natureza ou linguagem nova .

[...] do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte ou, como se diz, sobre um registro “material subjetivo”, com auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba, seja fazendo incisões, com um estilete, seja com um produto colorante. Segundo esse ponto de vista, toda escrita apresenta uma série de caracteres que lhe são próprios e que pertencem ao grupo social, à língua e à época da qual ela é a expressão, mas também ao registro material subjetivo, à natureza do instrumento, à mão e aos hábitos do escriba (HIGOUNET, 2003 p.15).

Martins (2001) salienta o fato da mão e o gesto humano serem o primeiro contato para o reconhecimento do mundo, para posteriormente descrevê-lo. Nesse momento a subjetividade ou experiência vivenciada pelo escriba, o que ele conheceu ou vivenciou, transparece nas inscrições. A escrita passa a ser uma revelação. Produzir escrita no barro possui um elevado grau de domínio e abstração. A invenção da escrita é uma invenção de um novo modo de pensar, pois introduz uma abordagem e paradigma diferente ao que existia.

Escrever está para além da tradução de símbolos previamente estabelecidos. Estamos diante de uma novidade que vem fixar e projetar o tempo e o espaço de uma cultura que poderia ser representada pelo relativo vazio existente até então. O modo pelo qual os escribas e contadores tornaram conhecido aquele universo está atravessado pela subjetividade da época, o mundo codificado dos escribas e contadores. Dessa forma a escrita apresenta um elevado grau de abstração, pois elegendo estruturas determinadas constrói novos padrões.

2.4 SURGIMENTO DE UM SUPORTE: O NASCIMENTO DA CERÂMICA

Como todos os processos da história humana, a história da cerâmica nasce em um contexto determinado. Para Mithen (2002), o período de cerca de dez mil anos atrás marca o momento em que grupos humanos deixam de viver como caçadores-coletores e tornaram-se agricultores, sendo esta atividade um marco para os acontecimentos. Esse período representa a passagem para o modelo atual de organização social, o surgimento dos primeiros núcleos urbanos e o sedentarismo.

Teorias embasadas em achados arqueológicos indicam o surgimento da técnica da cerâmica naquele período. Conforme Costales e Olson (1976) sugerem, grupos humanos, em caçadas, utilizavam cortes de árvores para sua proteção. Para impermeabilizar, acrescentavam camadas de argila ou barro. Supõe-se que, em alguma ocasião pode um raio, durante uma tempestade ter caído sobre a manta protetora e incendiá-la. Desse modo descobre-se que com o fogo, o lodo se converte em uma massa dura e resistente, a cerâmica. Pois:

Quando o homem pré-histórico descobre o fogo e sua capacidade para endurecer o barro, todo um mundo de possibilidades se abre perante ele. Mas será apenas no neolítico, quando o homem se sedentariza e se dedica pela primeira vez a agricultura e ao pastoreio, que a cerâmica se vai desenvolver e difundir (CHAVARRIA, 2004, p.9).

Portanto a cerâmica nasce quando há a fixação dos grupos de seres humanos se fixam em lugares determinados a partir do domínio das técnicas da agricultura e o domínio do fogo e com desenvolvimento de uma estrutura social, pois:

as regiões do Egito e Mesopotâmia são consideradas como o lugar onde nasceu a cerâmica, aqui nasceu a roda de ceramista, o envernizado, o vidro, o esmaltado sobre metais e os moldes. Técnicas que alcançaram a Europa através de Creta;... [Durante a idade do ouro da Grécia, a cerâmica alcançou um alto grau de excelência] (COSTALES e OSLON, 1976, p. 13).

Segundo os autores, na China a cerâmica teve seu desenvolvimento na dinastia Chow, 5.000 anos atrás, atribuindo-se o desenvolvimento dos fornos de alta temperatura e da porcelana. Essa região apresenta alto desenvolvimento no processo da cerâmica até a contemporaneidade.

Outras conquistas do período são, segundo Proença (2002), o desenvolvimento da técnica de tecer panos e construção de moradias, as primeiras instituições como a família e a divisão do trabalho.

Com o início da agricultura e da domesticação de animais ocorre a substituição da vida nômade por uma vida estável. Constata-se que a presença das pinturas rupestres feitas em rochedos e paredes de cavernas no período anterior, alcançam então outro estágio de representação no momento em que há fixação ao lugar de moradia. Conforme Proença (2002, p.13) “[...] o surgimento de um estilo simplificador e geometrizar. Em lugar de representações que imitam fielmente a

natureza, vamos encontrar sinais e figuras que mais sugerem do que reproduzem os seres”. A autora conclui ser essa uma grande transformação da história da arte. A criação de figuras leves, ágeis, pequenas e de pouca cor encaminham para figuras de traços e linhas muito simples, mas com força expressiva que comunicavam, surgindo uma forma de escrita, pictográfica, que consiste em representar seres e ideias pelo desenho.

3 SUPORTES: APARIÇÃO OU VISUALIZAÇÃO?

Podemos afirmar que em todas as áreas do conhecimento humano a problemática do suporte está presente com o pronome relativo “onde”, indicando lugar físico ou uma abstração do local no qual acontece, aparece ou se revela o fenômeno, surgindo o suporte.

3.1 ESTUDOS DE SUPORTES

Conforme Vieira (2012) suporte e materialidade são sinônimos. Tais palavras designam os objetos para o exercício da escrita segundo estudos realizados na área de educação.

As considerações apresentadas por Flesch (2015) em sua pesquisa intitulada “Livro vivo: o corpo como suporte de informação”, revelam as possibilidades das intervenções e marcas no corpo, como tatuagem, comunicarem algo através da presença do corpo como suporte dessas informações, assim, a autora destaca a possibilidades de o corpo humano ser percebido como um dos muitos tipos de suportes de informação.

Pinto, Faria e Meneses (2012), apresentam que registros pictográficos datados de 4.200 a.C. foram encontrados nas regiões da Suméria e Quixe, onde os textos referentes à Medicina foram gravados nas “tabuinhas de greda”, esse estudo enfoca os registros do paciente na área de Medicina e conclui:

[...] nada se compara à explosão documental proporcionada pelas tecnologias eletrônicas da informação e da comunicação que inclusive, favorecem a produção de documentos, ajuntando palavras, imagens e sons, em único documento multimídia. Além do mais, com a inovação ou novas descobertas no tratamento das doenças, as novidades dos exames, a tele-saúde, tele-medicina, e as especialidades, tanto da Medicina como de outros saberes científicos afins que compõem o campo da saúde, outra história está sendo constituída, embora não se possa negar os registros feitos nas grutas, cavernas e papiros do passado (PINTO; FARIA; MENESES, 2012, p. 460).

O enfoque demonstra que ao longo da História os registros sempre estiveram presentes acompanhando a evolução da Medicina. Entretanto, foram submetidos às

possibilidades de suportes que cada tempo ou realidade apresentou para promover os tratamentos.

Segundo Lévi-Strauss (1996, p. 203) é nos suportes ou corpos que aparecem a decoração, as plumas, as tintas, as pinturas e ornamentos dos índios:

os corpos, joias desses estojos de plumas, possuem formas depuradas e de tonalidades realçadas pelo brilho das pinturas e das tintas, suportes - dir-se-ia - destinados a valorizar ornamentos mais esplêndidos: as pinceladas grandes e brilhantes dos dentes e presas de animais selvagens, associados às penas e às flores.

Os suportes, assim como as coisas, possuem diversas naturezas conforme suas características. Natureza seria o conjunto de todos os seres que formam o universo; a causa criadora do universo; Deus; o princípio ou força submetida a certas leis que regulam os seres do universo; essência dos seres: a natureza humana; a natureza da arte, temperamento; caráter. Natureza deriva do latim, “natura”, e tem relação com o nascimento, com a origem. Assim para definirmos e entendermos a existência dos suportes é necessário olhar para sua natureza, o seu plano constitutivo, seu contexto. O tempo, a história, a cultura, os valores devem ser relativizados para construir a ideia do que ou de quem suportará a informação.

Na Alegoria da caverna de Platão, nos deparamos com prisioneiros admirando imagens refletidas nas paredes de uma caverna. Seria este o suporte? Veja-se então:

O que veria mais facilmente seriam, antes de tudo, as sombras; depois, as imagens de homens e outros objetos refletidos na água; e por fim os próprios objetos. Alçaria então os olhos para a Lua e as estrelas, e veria o céu noturno muito melhor do que o Sol ou a sua luz durante o dia. (PLATÃO, 2004 p.269).

Aqui teríamos o suporte para o mundo das ideias, da realidade. Uma situação transitória que permite o acesso ao verdadeiro conhecimento, conforme o filósofo.

3.2 TABLETES DE ARGILA

Registros significativos na história da humanidade relatam a presença do barro na sua formação, como segue a citação bíblica em Gênesis, que relata a

criação do homem a partir do barro: “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra [...]” (BÍBLIA, Gênesis, 2, 7, 1966).

Propomos estudar o barro como o primeiro suporte da escrita e sua importância. Os primeiros objetos de cerâmica datam de 10.000 anos atrás, repletos de mitos e histórias, pois se confundem com o próprio nascimento de muitas civilizações. A fundação desses elementos, o trabalho com a matéria da terra devolve ao homem a possibilidade de ser demiurgo. A cerâmica é o resultado do barro que funde seus elementos constitutivos, surgindo daí outro material com outras características. Para apresentarmos o processo da cerâmica lembramos da produção de panelas no Espírito Santo, como um exemplo dessa atividade:

[...] a primeira etapa da produção é a retirada do barro pelo tirador, homens contratados ou familiares próximos das Paneleiras que se dirigem para o barreiro onde escolhem e retiram o barro de melhor consistência. Eles formam bolas de barro [...] (WERNECK, 2013, p. 121).

A região da Mesopotâmia, conforme Figura 3, atual Iraque, é origem de muitas civilizações, situada entre dois rios. Segundo Bottéro (1995, p.10) “[...] foram as primeiras marcas inequívocas de uma escrita, que chamamos de ‘cuneiforme’ ”. O autor esclarece que este local e suas proximidades foi e ainda é ocupado por muitas etnias compreendidas por antigos grupos humanos. Essa formação histórica ofereceu o legado da escrita. Nesse local de alagamento e lodo, o aproveitamento do material fisicamente mais abundante proporcionou a confecção de placas de argila e cerâmica, permitindo o exercício e a gravação dos traços e grafismos que possibilitaram o surgimento de uma linguagem. Ou seja, uma linguagem gravada no barro.

Figura 3 Mapa da região da Mesopotâmia



Fonte: Nascimento, 2017.

Podemos afirmar que, com esse gesto, de escrever em porções de terra úmida, para posteriormente queimá-la sob altas temperaturas, foi inaugurada uma nova fase da humanidade, a História Escrita.

Exatamente essa possibilidade é que faz o significado da matéria transcender a natureza do objeto físico. Martins (2001), é categórico em afirmar que a capacidade de abstração é o que distingue a humanidade. Com essa característica, podemos nos libertar da materialidade à nossa volta, nomeando as coisas, oferecendo um outro nascimento ou natureza para o que existe. Dessa forma é possível “saltar” da matéria para o seu sentido, num único movimento.

Os tabletes de argila apresentam sua constituição material, mas também possibilitam a leitura e inserção de uma linguagem nascente carregada e constituída da força capaz de escrever uma história jamais fora escrita, apenas vislumbrada em seus aspectos simbólicos.

De acordo com Bottéro (1995,p.13): “Foram esquadrihadas algumas centenas de tabuinhas de argila- o ‘papel’ tradicional nessa região de lodo e barro-

datados de cerca de 3200 anos, provavelmente os mais velhos documento escritos”. Os processos da descoberta da escrita seriam desenvolvidos por artistas e contadores que “somados ao acréscimo de diversas figurações convencionais, uma coleção ampliada de desenhos e figuras esquemáticas” (Ob.cit, p.13). Elementos que lado a lado possibilitaram o surgimento da escrita.

A argila é a porção de terra composta por minerais e matéria orgânica hidratada por uma fonte de umidade como um rio ou um riacho, a trajetória em direção “a escrita dita cuneiforme da Suméria e da Ásia Anterior era, por outro lado, preferentemente traçada em tabuletas de argila fresca, depois cozidas ao forno.” (HIGOUNET, 2003, p.16). A argila ou barro foi o primeiro suporte da escrita e em que se localizam os primeiros documentos sistematizados que temos notícia ou registro

Dessa forma, fica explicitado que o barro foi o material específico do surgimento da escrita, é com ele e através dele que os caracteres da escrita se manifestam. Atualmente a presença da materialidade dos objetos de cerâmica contribui para o olhar que busca explicar e compreender o mundo. Oferecem uma forma completa e íntegra para apreciar determinado período da história. Dessa forma, a experiência do gravador/escritor fica registrada, com suas impressões físicas e subjetivas, mas sobretudo corpóreas, da mão. Escrever é uma atitude manual que projeta a imaterialidade desse gesto, ao mesmo tempo. A presença física dos objetos de cerâmica, da terra contribui para o olhar que busca explicar e compreender o mundo o olhar que dispensamos ao mundo na nossa trajetória humana.

A atividade de retirar da terra a matéria prima para ser queimada em altas temperaturas resulta na cerâmica que, como vimos é um processo que se repete pela humanidade, há milênios. Há um modo dentro da Semiótica para analisar a cerâmica, o seu conceito mais ligado a coisa que a objeto: “[...] é a sua matéria-prima que nos leva a estudá-lo nas suas redes exógenas [...]” (WERNECK, 2013, p.183). Para a autora, estudar o barro significa compreender o meio que o circunda. Dessa forma, observamos que os tabletes de argila trazem a memória de seu entorno gravada.

A inclusão de objetos de cerâmica na seleção e conteúdo do acervo de materiais de uma biblioteca é analisada como possibilidade. Esses objetos são

especiais, que, com sua materialidade própria guardam referências e abordagens importantes à nossa compreensão. A composição do acervo de uma biblioteca está ligada, segundo Vergueiro (1997, p.6) a “um momento de decisão”. Para ele o poder de selecionar documentos é uma propriedade do bibliotecário, que deve conhecer adequadamente seu acervo e os usuários da biblioteca. Para Leiva (2012) qualquer objeto pode ser reduzido à representação ou indexação que é representação temática ou a ação de descrever e identificar um documento de acordo com o seu assunto, ao afirmamos a necessidade dos objetos de cerâmica compor o acervo de uma biblioteca. Há registros que desde tempos a informação é classificada, organizada e pesquisada. Sabe-se que na antiga Suméria as placas de argila eram identificadas pelos escribas. Seguindo a preocupação com a indexação desses materiais, Leiva (2012, p.65) apresenta-nos o seguinte recurso

[...] qualquer objeto pode ser [...] reduzido a representações conceituais que facilitam o seu armazenamento e recuperação em bases de dados. Se aceitarmos essa premissa, podemos indexar o texto impresso ou o digital, áudio (música, discurso ou som ambiente), imagem fixa (fotografia, cartaz, quadro, etc.), imagem em movimento (filme, spot de publicidade, etc.), obra de arte (escultura, cerâmica) [...]

O autor revela que as origens da indexação se encontram nas tarefas realizadas pelos antigos escribas na mesopotâmia. Dessa forma os registros documentais dos objetos de cerâmica são efetuados e incluídos aos registros dos outros dados como prática do processo de indexação.

Os conceitos são parte dos livros e documentos que formam os registros, segundo Alvarenga (2001, p.87) “[...] constituem na primeira preocupação do bibliotecário, compelindo-o a sucessivas considerações sobre o papel da classificação”. Dessa forma, conceituar as coisas remete a elas, a sua materialidade, de que são feitas, sua constituição.

A alternativa para incluir objetos de cerâmica no acervo remonta à feitura desses objetos e seu material “[...] adotar um conceito mais antigo de arte como *techné* aquele que remete à antiguidade do homem como ser que cria para solucionar seus problemas vitais.” (WERNECK, 2013, p.185). Dessa forma, o contato com os primórdios da escrita remeteriam o usuário para a origem e estabelecimento de formas de criação que podem estar presente em nossos dias. Sendo possível acessar um longo período na história da humanidade.

Entre a primeira figurinha de cerâmica e nossos dias é possível projetar possibilidades da ligação entre nosso presente e a memória contida nas peças de cerâmica, ou seja informação:

Nesse processo de comunicação amplo, estabelecido entre os homens e suas tentativas de compreensão e descrição do universo, a mediação da linguagem ocupa um papel primordial e, no contexto da biblioteconomia e da ciência da informação, o tratamento da informação e do conhecimento registrado se depara com uma tarefa complexa que assim poderia ser resumida: a despeito de todos as fragilidades dos atos de conhecer e comunicar envolvendo coisas, seres, palavras, imagens e sons torna-se imperativo que se encontre uma forma de construir interfaces entre os acervos de documentos e informações e seus usuários (ALVARENGA, 2001, p.89).

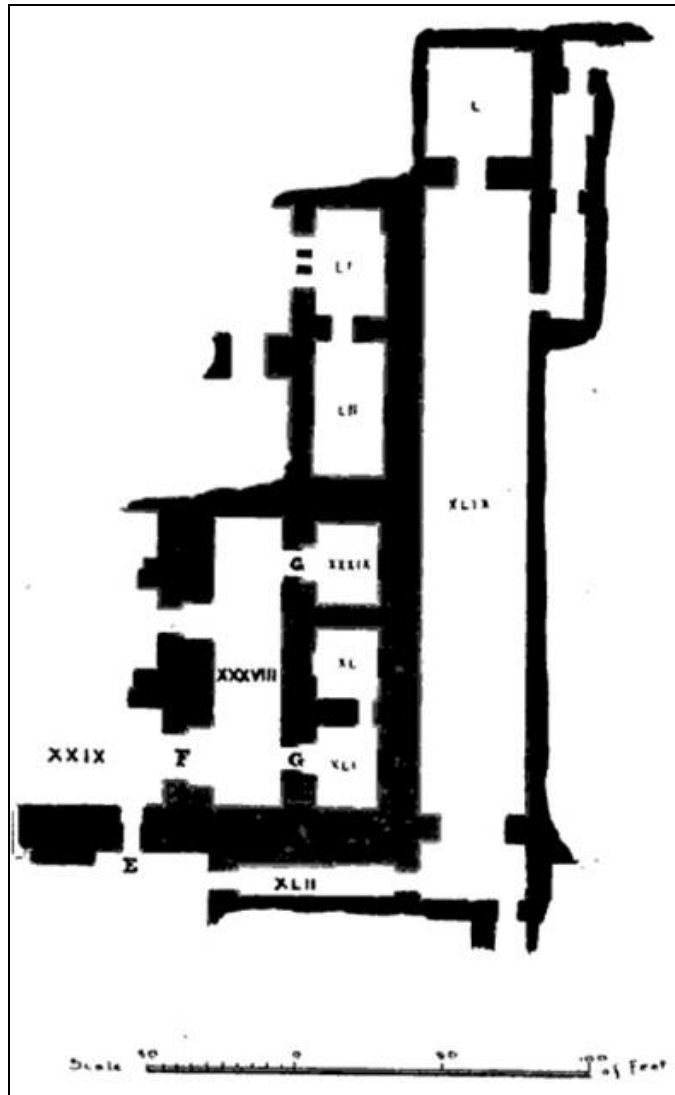
A permanência dos objetos de cerâmica é mais uma tentativa de decifrar os questionamentos que nos rodeiam, é um tipo de linguagem a ser explorada no presente. A presença da materialidade dos objetos de cerâmica contribui para o olhar que busca explicar e compreender o mundo, e oferece uma forma completa e íntegra para apreciar determinado período da história.

A História nos apresenta um significativo exemplo de uma biblioteca formada por tabletas de argila, a Biblioteca de Assurbanipal, soberano assírio, localizada na cidade de Nínive, na antiga Mesopotâmia. Conhecer a história desta biblioteca capacita-nos a entender o significado e importância dos tabletas de argila para o contexto histórico da antiguidade. Conforme Bowman e Woolf (1998, p. 6) “[...] os códigos e as leis só podem nos contar sobre a sociedade se soubermos se eram destinados ao uso diário ou se alguns governantes estabeleciam as leis para mostrar que eram os detentores do poder.”

Um rei precisa justificar sua ideologia e sua posição. Conforme Pozzer, (2014, p.113) Assurbanipal se apresentava como grande príncipe herdeiro da Casa de Sucessão, a autora cita a lista de divindades que protegeriam seu reinado e relata que “Assurbanipal apresenta as habilidades exigidas para um soberano, a saber, o domínio da escrita[...]”. Por esta informação, concluímos que a biblioteca constituída por este imperador seria um ambiente estratégico durante a administração do seu império, um local onde os deuses asseguravam a realeza e legitimidade ao reinado do soberano.

Segundo o site Mey e Silveira (2009), a Biblioteca de Assurbanipal em Nínive, na Assíria, foi a primeira biblioteca sistematicamente organizada, localizada no antigo Oriente Próximo e composta por mais de 30.000 tabletes cuneiformes. A Figura 4 mostra uma planta baixa esquemática de como era configurada esta biblioteca.

Figura 4 Planta baixa da biblioteca de Assurbanipal em Ninive, Assíria



Fonte: Portal das Bibliotecas, 2017.

Assim, a biblioteca foi criada por Assurbanipal para contemplação real, como demonstração de sua glória e poder, guardando a coleção de referência pessoal e profissional do rei. No entanto, os sacerdotes e os membros das classes superiores também podem ter usado a biblioteca do palácio.

Conforme relato de sua vida, Assurbanipal teve acesso a atividades acadêmicas como outros jovens na sua formação, incluindo adivinhação de petróleo,

matemática, leitura e escrita. Ele também escreveu ser o sucessor e detentor dos conhecimentos e que cuidaria dos tabletes em sua totalidade pois teriam mistérios que foram solucionados por ele.

Conforme Mey e Silveira (2009), a biblioteca possuía "salas de gravação" ou "casa dos rolos", e era constituída de dois quartos pequenos (27 e 23 pés de comprimento e 20 pés de largura) no palácio de Assurbanipal. A coleção foi classificada em categorias gerais, como história, direito, ciência, magia, dogma e lendas. Também foram encontradas listas que parecem ter sido destinadas a serem usadas pelos alunos. No entanto, nenhuma evidência de uso do aluno foi descoberta. O repositório de arquivos continha cartas e contratos comerciais de todo o império assírio. Além dos registros governamentais, como decretos, planos e registros históricos relacionados a expedições, outros itens interessantes foram incluídos na biblioteca. A coleção inclui uma grande seleção de textos de presságio, incluindo *Enuma Anu Enlil*, lidando com astronomia, clima e informações atmosféricas. A biblioteca continha uma extensa coleção de informações médicas, incluindo centenas de medicamentos para os tratamentos de uma ampla gama de doenças. Referências religiosas constam nestas informações médicas.

O *Enuma Elish* também conhecido como Criação Épica, contém sete tabletes que descrevem a criação de seres humanos. A versão do "Épico Gilgamesh" contando a história de uma grande inundação junto com outras histórias bem conhecidas consiste em 12 tabletes. A biblioteca continha textos sobre ritual, medicina, matemática e astrologia, além de documentos governamentais, cartas, contratos e outros itens, como listas e guias de estudo.

Segundo Karnal (2004), o acervo da biblioteca seria composto por todo tipo de informação, pois o rei exigia que fossem resgatados todos os documentos durante as batalhas para que se somassem aos demais da coleção. Escribas também trabalhavam na biblioteca, fazendo registros. Conforme Figura 5, a imagem apresenta dois escribas um escreve em acádico cuneiforme sobre tablete de argila e o outro escreve em aramaico sobre um papiro ou pergaminho de couro com tradução para duas línguas sobre dois suportes. Esclarece Karnal (2004), que por volta de VIII A.C. a escrita e a língua aramaica estavam amplamente difundidas no Império Assírio, mas poucos documentos desse tipo sobreviveram, pois em 612 A.C, a cidade foi destruída pelo fogo, no entanto, os tabletes de argila eram simplesmente

cozidos, o que acabava por os tornar ainda mais duráveis. Desconhece-se quantas placas de cera, pergaminhos de couro e papiros foram perdidos.

Figura 5 Dois escribas realizando registros na biblioteca.



Fonte: KARNAL, 2004 p.11

Embora projetado por e para o rei, é provável que outros, como clérigos e secretários, também usaram a coleção da biblioteca, que se preocupou com roubos ameaçando os clientes com a ira de Deus: "Tableta de argila de Ashurbanipal, rei do mundo, rei da Assíria, que confia em Ashur e Ninlil. Sua senhoria é sem igual, Ashur, o Rei dos Deuses! Quem remove o (tablet), escreve seu nome no lugar do meu nome, Ashur e Ninlil, irritados e sombrios, lançaram-no, apaguem seu nome,

sua semente, na terra". Algumas coleções permitiram empréstimos e notas foram incluídas em alguns tabletes que alertam os leitores para a necessidade de retornar os tabletes, é possível encontrar inscrições como "O que teme Anu, Enlil e Ea o devolverão à casa do dono no mesmo dia". Maltrato de participações além do roubo, a destruição de *tablets* foi também uma preocupação. Os tabletes incluíam palavras de cautela como "O que teme Anu e Antu cuidará [o tablete] e o respeitará".

3.3 TABLETS

Poderíamos conceituar *tablet* como um computador portátil, pouco espesso e tela tátil, destinado a acompanhar atividades da rotina diária contemporânea.

A tradução do inglês para *tablet* seria comprimido, compactado. Conforme Brito (2013, p. 68) *tablet* é utilizado "[...] como suporte para objetos virtuais com funções de interação e entretenimento, como jogos, redes sociais e imagens, ele possibilita a "teleação em tempo-real". É de multifunção, pois reúne várias funções num mesmo aparelho.

Em português poderia ser chamado de tablete, um dispositivo em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos.

A palavra *tablet* foi introduzida no português brasileiro há pouco tempo vinda do inglês, nomeando o novo aparelho que emergia. Poderia ter sido traduzida como tablete, vocábulo já existente na língua, porém a escolha recaiu na manutenção da palavra inglesa. Tablete, oriunda do francês *tablette*, essa palavra chegou em algum momento do século XX para explicar o sentido de medicamento, substância alimentar ou qualquer produto sólido de forma retangular. Outro termo aparentado seria tabuleta, esta palavra muito antiga. Todos esses termos são descendentes do latim *tabula* – e significa registro. Tábua, mesa, tabuleiro, quadro, painel de madeira, são derivações. O *tablet* é um vocábulo que já existia no inglês, *table* (mesa), foi buscar ainda no início do século XIV no francês antigo *tablete* (hoje *tablette*), diminutivo de "tábua, superfície de madeira". Assim como as palavras tabuleiro, tabuada, tabela, tabloid e tabelião são também suas derivadas.

Entretanto, ao contrário do que se imagina, o *tablet* não é um dispositivo recente, como suporte da informação. Sua origem remonta mais precisamente no

fim do século XIX, quando foi difundido um mecanismo capaz de reproduzir a escrita manual para uma máquina para outra mais precisamente como as mesas digitalizadoras.

Na primeira metade do século XX é registrada a primeira patente para um sistema que tinha a capacidade de reconhecer escrita de caracteres através do movimento da mão e em 1956 foi feita a primeira demonstração pública de um sistema com reconhecimento de escrita manual sem a utilização de um teclado convencional. Vários computadores portáteis semelhantes aos *tablets* foram criados. Em 1961, foi criado o conversor gráfico, essa foi a primeira superfície de escrita bidimensional ou seja, tablete, permitindo um computador reconhecer escrita manual através de uma caneta. Pode-se citar o *Dynabook*, dispositivo desenvolvido por Alan Kay em 1968 que consistia em uma espécie de caderno digital, ou o *Graphics Tablet*, gadget criado pela Apple no qual o usuário podia fazer desenhos com o auxílio de uma caneta e transferi-los para seu computador pessoal. Entretanto, pode-se dizer que o primeiro *tablet* da História, isto é, com a aparência e a forma que conhecemos hoje em dia foi o *GRiDpad Pen Computer*, criado pela Grid Systems em 1989, que O mesmo possuía um processador de 20 MHz e pesava cerca de 2 kg, sem teclado para proceder à escrita, fator que condicionava a portabilidade desses dispositivos.

Na origem dessas buscas ou inventos havia o objetivo de oferecer mobilidade e ajudar crianças com dificuldade na sua educação, somado ao fato de começarem a surgir dispositivos com um design futurista em filmes e séries televisivas, isso fomentou o desenvolvimento do conceito *tablete*, ou seja, muitas áreas do conhecimento influenciaram o desenvolvimento deste produto.

Nos anos 1980 e início dos anos 1990 surgem os primeiros dispositivos que se assemelham aos *tablets* atuais, avançando até ao ano 2000, quando assistimos uma verdadeira revolução no conceito *tablet*.

Em 2007 foi lançado o iPhone. É com esse aparelho que foi modificada a forma como as pessoas interagem com os dispositivos. O inédito deste dispositivo era um sistema operacional planejado especialmente para o *touchscreen* (tela sensível ao toque) e o design do dispositivo com um único botão na parte da frente (permanece até hoje). Não se trata ainda de um *Tablet*, que está a caminho, mas foi uma peça fundamental para o futuro lançamento do produto.

Conforme Brito (2013, p. 67) “[...] o lançamento de novos aparelhos ligados à tecnologia da informação e comunicação, como o *iPad*- o *tablet* da *Apple*-, lançado em duas versões em abril de 2010 e março de 2011”. Esses fatos provocaram muitos desejos de consumo, promovendo uma boa base para troca de mensagens entre um grande número de pessoas. A presença do hipertexto possibilitou ao leitor um encadeamento em rede das ideias, acessando várias informações não apenas de forma linear, questão na qual se fundamenta o processo das trocas contemporâneas.

Sistemas operacionais e os aplicativos desenvolvidos para cada tipo diferenciam os *tablets*. Sistemas com diferentes facilidades de usar, leveza e estabilidade são grandes diferenciais.

O *iPad* pode ser considerado um pioneiro, o primeiro de seu tipo. Não é nem um smartphone nem um laptop, *netbook* ou computador pessoal, mas inclui alguns elementos de todos eles. As características que destacam o *iPad* entre outros dispositivos móveis incluem o seu tamanho, que é similar ao de um livro, a falta de conexão periférica (sem necessidade de uso de tomada), a conectividade, a tela multitoque (touchscreen). Este aparelho revolucionou a maneira de ver conteúdo na internet, uma vez que usa o sentido do toque (tato) como forma de interação com conteúdo. A interatividade é outra característica fundamental e pode ser definida como a possibilidade de o público construir uma relação com os conteúdos de forma única. Ao longo do século XX vários computadores portáteis semelhantes aos *tablets* foram criados, pois conforme Nora e Minc (1980, p.26) “[...] pelo fato de ter difundido numa infinidade de pequenas máquinas e de ter desaparecido por trás de uma rede de ramificações ilimitadas [...]”. O claro modo de participação no processo de comunicação, explicita a abrangência deste suporte.

A linguagem que proporciona a interatividade com animações desperta o imaginário, adequada aos sistemas operacionais, sendo necessário estudo e pesquisa aplicada para identificar formas inovadoras de mostrar conteúdo na internet com aplicativos, esta interação não deve ser vista como uma característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os interagentes. O conteúdo hipermediático favorece diversas leituras e caminhos para o leitor navegar pela informação. É com essa curiosidade e preocupação que se explora algumas funcionalidades destes suportes para a publicação editorial. A mídia impressa e a online obedecem a critérios e características deste meio, as quais influenciam

diretamente os processos de publicação. A diagramação editorial de revistas e de jornais reflete a criatividade e o arranjo gráfico com formas, tipografia, imagens e também com o próprio suporte tradicional – o papel. Ao longo dos anos, a diagramação editorial vem se adaptando.

Outra plataforma utilizada para *tablets* com dispositivo e design apelativos obtiveram o impacto desejado no mercado de vendas. É então em Abril de 2010 foi lançado o iPad, um *tablet* com uma tela de 9.7 polegadas, 10 horas de duração de bateria, um processador de 1GHz A4, acesso à internet entre outras características que o destacavam dos seus antecessores. Inicialmente estes dispositivos foram adquiridos por utilizadores habituais, mas o mercado de vendas rapidamente se expandiu a quase todo o tipo de utilizadores, iniciando desta forma pela primeira vez a exploração rentável do conceito *tablet*.

A partir desse lançamento gerou-se um desafio transversal a todas as marcas de superar as características dos modelos iniciais e fatores como o peso, a autonomia, a definição da tela, a qualidade do áudio, a qualidade da câmara, as aplicações e o design tiveram um papel de destaque na decisão final. A partir desse momento o que diferencia os *tablets* são os sistemas operacionais e os aplicativos desenvolvidos para cada tipo.

Há consenso, segundo Brito (2013, p. 77) de que:

[...] os novos objetos eletrônicos, com a sua virtualidade presente no cotidiano, mudam definitivamente a forma com que são estabelecidas a comunicação e interação social, constituindo-se numa marca indelével do século XXI: Uma comunicação de muitos para muitos, numa relação diametralmente oposta à comunicação destacada por Jakobson (1974), entre um emissor e um receptor, ou então entre um emissor e vários receptores como na cultura de massa.

A comunicação e o entretenimento interativo bem como a velocidade e urgências da contemporaneidade formam algumas razões pelas quais o *tablet* vem suportar estes processos de trocas e sintonias recíprocas que ora vivenciamos. Sendo esta uma definição para suportes de informação.

3.4 TABLETES DE ARGILA E TABLETS

É comum entre o tablete de argila e os *tablets* o tamanho ou dimensão deles, cabem na mão, assim como os livros, ou seja, possuem a proporção do corpo humano. Veiculam informações. Suas existências supõem que sejam atravessados por significados que remetam a implicações diferentes, a outro tempo, a outro material, a outras possibilidades.

Para Zilberman (2016, p.267) se referindo ao formato retangular das páginas afirma que “A era digital ainda não superou esse formato, já que, representada por monitores, *tablets* ou *e-readers* elege o design do retângulo, que pode se apresentar em posição vertical (*e-readers*) ou horizontal (monitores e *tablets*)”. Entretanto a autora relata que houve profundas reflexões na passagem do formato livro para os folhetins, jornais, do final do século XIX para o século XX na literatura aqui no Brasil, os autores da época questionaram os diferentes formatos e as distintas publicações. Supõe-se que “[...] a autoconsciência leva-o a escolher o suporte, e esse determina a natureza da obra, amparando e garantindo sua identidade, e materializando-se no papel escolhido para veicular o produto textual” (ZIBERMAN, 2016, p. 278).

O silício é o segundo elemento mais abundante da crosta terrestre (26 a 28%), essa abundância posiciona o silício apenas atrás do oxigênio em presença na terra. Por ser um material semicondutor tem interesse muito especial para indústria eletrônica e microeletrônica, como material básico para a produção de transistores para *chips*, células solares e em diversas variedades de circuitos eletrônicos incluindo os *tablets*.

Na região conhecida como Vale do Silício na Califórnia (Estados Unidos) estão concentradas numerosas empresas do setor de eletrônica e informática. O silício é um dos elementos constitutivos do barro que igualmente dá origem aos tabletes de argila. A origem material dos dois suportes é o seio da terra. O tablete de cerâmica evoca essa presença quando a informação veiculada solicita espaço físico para ser revelada, tomando conta de áreas de geografia, o planeta todo. Já os *tablets* veiculam a informação contando basicamente com outro aspecto da capacidade humana, a abstração, salientada na obra de Martins (2001).

A leitura é outro elemento que atravessa a existência dos tabletes e *tablets* para a abordagem dos dois suportes é necessário que se conheça os códigos neles veiculados. Conforme Zenker (2016), a leitura e escrita são expressões máximas da

inventividade, criatividade e intelectualidade humana. Dessa forma, ler e escrever proporciona o exercício pleno da atividade de decifrar e compreender, gestos essenciais na captura das mensagens dos suportes, ler e escrever são um requisito fundamental. Pois analogamente tanto para o tablete de argila como para o *tablet* o acesso às suas informações somente é possível mediante o conhecimento de um código preliminarmente estabelecido que somente é acessado aos leitores de seus caracteres.

Segundo Dunker (2017) a hipertrofia das expectativas narcísicas de reconhecimento e a manipulação da imagem de si é a introdução para o mundo digital. O psicanalista conclui que “[...] o primeiro sinal da intoxicação digital é a experiência de ausência de si”. A manipulação constante dos meios eletrônicos levaria ao sentimento de perda da capacidade de estar com os outros, uma possibilidade ou risco dos usuários de meios virtuais, inclusive o tablete, pois para abordar a compreensão de *tablets*, os referenciais de tempo e espaço são alterados. Sentimentos não compartilhados quando se lida usa ou acessa tabletes de argila, pois a integral participação nos processos manuais e intelectuais promovem a totalidade e inteireza das atividades, mantendo o universo simbólico do gesto conservado.

A visão que nos traz a psicanálise, conforme Leivas (2017) é que a suspensão da subjetividade surge onde há uma eliminação do espaço potencial entre o eu e o outro, condição indispensável e essencial para as relações. É no intervalo entre um significante e outro proposto na cadeia segmentar do discurso que o Eu se presentifica, assim, segundo a autora, se manifesta a diferença. O uso contínuo de meios eletrônicos sugere, que não há diferença entre, tempo e espaço, há um preenchimento e uma continuidade, excesso de presença, numa suposição imaginária de que há um domínio temporal e espacial infinitos.

Na medida que um sujeito constrói um instrumento, ou lida com material concreto e orgânico como argila, ele age sobre o elemento da sua construção, está implicado com seu desejo de se enunciar aos outros e especialmente de marcar o seu traço, aquilo que há de singular na sua produção, algo que lhe identifique em qualquer tempo e lugar.

Para Leivas (2017), o avanço e inovação de tecnologias nos impulsiona a ver e conviver com os efeitos desses processos. O novo é desafiador e reporta a ambiguidade do que seriam nossos ganhos e como vamos interagir com esses

novos processos. Ao nos reportarmos retroativamente o progresso tecnológico trouxe ganhos e evoluções, mas também provocou incertezas e instabilidades. A sociedade ao longo do tempo teve que lidar com esse “Mal-estar na civilização”, conforme Freud constata a profissional. Entretanto, nem todos os sintomas provocados por essas evoluções teriam sido danosos. Leivas (2017) conclui que:

[...] é desta forma que os tablets surgem na vida do homem contemporâneo e também devemos aprender a lidar com os seus efeitos como os sintomas da modernidade. O que ganhamos em abrangência, celeridade, acesso e globalização da informação, nos coloca no risco consciente de que cada vez mais o sujeito tem que ser autônomo em relação ao seu desejo e especialmente responsável por suas escolhas. Hoje é impensável suprimir o uso dos tablets, assim como foi definitivo o desenvolvimento da escrita e registros primitivos para evolução e transmissão da cultura.

Assim, cada período da História apresenta suas possibilidades e padrão de comunicação, de modo consciente é preciso acessá-los, para tanto é necessário autoconhecimento, conhecimento de suas opções para assegurar a autonomia, frente os suportes de informação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temática usual para a Biblioteconomia, o estudo do suporte encontrou e evidenciou nossa proposição neste trabalho. Entender como a informação é veiculada, como ela aparece ou se materializa especificamente nos tabletes de argila e nos *tablets* orientou nossos questionamentos. A análise de elementos ancorados num referencial teórico que possibilitou compreensões e encadeamento de ideias que apresentaram desafios e nos moveram para buscas no momento atual.

A área da Biblioteconomia se encarrega de disseminar, armazenar e tratar a informação no suporte em que ela está inserida. Durante nosso trabalho a ideia de tempo esteve associada e permeou nossas considerações. A História com suas facetas, subsidiou reflexões, mudanças, novos contextos. Diferentes estruturas foram marcos constitutivos nos suportes apresentados, que produzindo a visibilidade ou viabilidade da informação e sutilmente foram induzindo e conduzindo suas naturezas bem como ao elemento que o compõe.

Existe um padrão para ação das atividades, que orientam os procedimentos. Entretanto lidar com a fluidez do tempo, sua relatividade material, expõe um limite, já que os dois suportes, transitam por diversidades e compreensões de mundo com paradigmas distintos, que é o nascimento da escrita e o registro das relações virtuais contemporâneas.

Tabletes de argila e *tablets* apresentam o mesmo elemento químico na sua formação material. Entretanto a forma de leitura e entendimento, a abordagem dos diferentes suportes compõe ou concretiza a informação nele supostamente contida. Esse modo de pensar está amparado na realidade de que o elemento químico silício é o principal constitutivo dos dois suportes, mas o modo como nos debruçamos sobre eles implica na apresentação dos dados informacionais.

A abordagem deste trabalho vem qualificar a ação do bibliotecário, que é desafiado diariamente a conduzir a informação de modo que ela seja perceptível aos sentidos e referencial do usuário. A certeza de que ela possui existência anterior ao suporte e que este vem condicionado por sua natureza, amplia aspectos que seriam limitados para compreensões deveras grandiosas. A compreensão de que existem símbolos que modelam as estruturas que visualizamos nas informações permite o ensaio e trânsito limitado da nossa condição ao mesmo tempo mostrem

possibilidades infinitas, pois permitem o contato com conteúdos e forças vastíssimas que moveram e projetaram a humanidade desde seus primórdios.

Ao longo da elaboração deste trabalho, surgiram algumas possibilidades de julgamentos e escolhas de um ou outro suporte. Um questionamento que se faz é qual olhar ideal dedicar para tablete de argila ou *tablet*? Questões corriqueiras e suscetíveis da vida contemporânea, que está predisposta à exclusão, não aceita a possibilidade da ideia da convivência harmônica e interativa dos dois tipos de suporte. Trabalhar com inclusão de elementos diferentes, causa estranhamento.

Entendo que a História proporciona o fio que conduz os acontecimentos e são propulsores de outros. Os suportes registram essas situações, afirmando que a História possui este viés condutor dos movimentos humanos. Estudar esses suportes é interagir nas direções humanas, sendo essencial que se tenha presente a importância da transmissão de elementos culturais nessa constituição subjetiva. Historicamente, a memória passada pelo registro escrito, gráfico tem importância singular como foi a transmissão oral na formação da humanidade, indiscutivelmente isso se presentifica nos suportes.

Percebi que o suporte tablete de argila que se origina do barro, da terra, registrou uma linguagem nascente, que se perpetuou até nossos dias com uma condição: é preciso ver estes traços de alguma forma. Quem escreve, registra se inscreve, se constrói e se presentifica na relação com os outros, especialmente se esses elementos lhe reportam aos primórdios, ao início, à delicadeza e suavidade do que é novo, ao que é nascente, à infância ao primitivo, ao primeiro, os recursos da terra são próprios para expressar tais registros.

Se um arqueólogo do futuro realizasse uma escavação e estudo da civilização na qual vivemos no momento, a contar pelo grande número de aparelhos de *tablets* iria supor que esses elementos somariam para descrever o passado de maneira clara e precisa. Pode ser que estejamos enganados, mas tudo leva a crer que estes suportes de informação contem, com precisão, os detalhes capazes de relatar o nosso tempo, o conhecimento da nossa época.

Sob vários aspectos poderíamos relacionar os suportes tabletes de argila e *tablets*. Entretanto a orientação da psicanálise é conclusiva: parece que a suspensão da subjetividade e a eliminação do espaço potencial entre os seres é uma condição indispensável e essencial às relações, que pode alterar consideravelmente nossas percepções. Pois é nessas trocas com o outro que se

manifestam as diferenças e singularidades. O uso contínuo de meios eletrônicos sugere, que não há diferença entre, tempo e espaço, há um preenchimento e uma continuidade, excesso de presença, numa suposição imaginária de que há um domínio temporal e espacial permanente.

Na medida que um sujeito constrói e lida com um instrumento identificado com o barro, ele age sobre o elemento da sua construção, está dominando elementos onde o tempo e o espaço presentes enunciam uma linha ou traço que identificam uma pessoa, um sujeito.

O avanço e inovação de tecnologias nos impulsiona a ver e conviver com os efeitos desses processos. O novo é desafiador apresentando ambiguidades haverá lucros ou perdas com essas trocas, com essas escolhas? Analisando os fatos constatamos que o progresso tecnológico trouxe ganhos e evoluções, mas também provocou dúvidas e inseguranças. A sociedade, ao longo do tempo teve que lidar com situações incômodas que a deixaram sem escolhas ou paralisadas frente a certos acontecimentos inevitáveis. Nem todos os sintomas provocados por essas evoluções e exposições foram danosos, numa perspectiva psicanalítica. É dessa forma que os “tablets” surgem na vida do homem contemporâneo, e se deve aprender a lidar com os seus efeitos como os sintomas da modernidade.

Com essa visão, entendemos que os ganhos com grandes alcances, notoriedade, acesso e transformações no modo de entender a informação, nos coloca no risco e noção de que cada vez mais necessitamos de autonomia em relação ao nosso querer e especialmente responsável por nossas opções. Hoje é impensável suprimir o uso dos *tablets*, assim como os tabletes de argila foram definitivos para o desenvolvimento dos primeiros escritos na evolução e transmissão da cultura, pois são suportes fundamentais para registros da informação.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, L. D. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. **Data Grama Zero**, v. 2, n. 6, 2001. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/1252>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. O rumor do conhecimento. **São Paulo em Perspectiva**, v. 12, n.4, 1998. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_10.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- BEAL, Adriana. **Gestão estratégica da informação**: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2011.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. *In*: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. p.54.
- BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken. **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Ática, 1995.
- BOWMAN, Alan; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo Antigo**. São Paulo: Ática, 1998.
- BRITO, Fátima Cristina Vollú da Silva. Redes sociais: objetos virtuais do cotidiano contemporâneo. In: DOHMANN, Marcus. **A experiência material**: a cultura do objeto, Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.
- COSTALES Federico F.; OLSON, Delmar W. **CERÁMICA**: para escuelas y pequeñas industrias. México: Compañía Editorial Continental, 1976.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Intoxicação digital infantil. Brasileiros, **Carteiro do inconsciente**, 2017. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2017/02/intoxicacao-digital-infantil/>>. Acesso em: 18 maio 2017.
- LÉVI-STRAUSS

FLESCH, Suelen Fraga. **O livro vivo**: o corpo como suporte de informação. 2015, 67f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/122432> > Acesso em: 22 ago. 2016.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de. **A escrita da memória**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: 2012.

LEIVA, Isidoro Gil. Aspectos conceituais da Indexação. In: LEIVA, Isidoro Gil; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (edi.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. Disponível em: < http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Livro%20Politica-de-indexacao_ebook.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.

LEIVAS, Maria Margaret Medeiros. **Psicanálise**: novos meios de comunicação e a construção subjetiva da atualidade. Entrevista concedida por telefone para: Raquel Medeiros Leivas. Porto Alegre: [s.n.], Brasília: [s.n.], 10 de junho 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita, história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Atica, 2001.

MASSOLAR, Pablo. Dos tabletas sumérios de argila aos tablets de vidro e alumínio modernos. **Editoras.com**, [2014?]. Disponível em: <<http://editoras.com/dos-tabletes-sumerios-de-argila-aos-tablets-de-vidro-e-aluminio-modernos/>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2009.

MITHEN, Steven. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: UNESP, 2002.

NACIMENTO, André José do. Blog da História. Mapa da região da Mesopotâmia. Disponível em : < http://andrejosedonascimento.blogspot.com.br/2015/03/a-civilizacao-da-mesopotamia_38.html > Acesso em: 03 de jul 2017.

NORA, Simon; MINC, Alan. **A informatização da sociedade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

PLATÃO. **Diálogos III: A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PORTAL DAS BIBLIOTECAS. Disponível em: <
<http://portaldasbibliotecas.blogspot.com.br/2013/11/biblioteca-de-ninive.html> >
 Acesso em: 04 jul 2017.

POZZER, Katia Maria Paim. Assurbanipal e suas memórias: uma autobiografia na antiguidade? **Clássica revista brasileira de estudos clássicos**, v.17, n.2, 2014.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2002.

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Letras e memória: uma breve história da Escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SERRES, Michel. **A lenda dos anjos**. São Paulo: Aleph, 1995.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. 2. ed. Brasília, DF: Brique de lemos, 1997.

VIEIRA, Letícia Tischer. **Cadernos, lápis, tela do computador** : cultura material escolar e suportes de escrita em diários de estágio docente do curso de pedagogia. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10183/67889> > Acessado em 22 ago. 2016.

WERNECK, Rosa L. Cerâmica e arte: uma reflexão filosófica sobre os objetos cerâmicos. In: DOHMANN, Marcus. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

ZENKER, Leticia de Paula. **Gelateca: Alimentando o acesso e o prazer da leitura**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/157360> >. Acesso em: 20 maio 2017.

ZILBERMAN, Regina. Os suportes suportam o mundo. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (org.) **Leitura: história e ensino**. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.